

É PRECISO FALAR SOBRE A MORTE: EQUIPE DE SAÚDE E LUTO NO HOSPITAL GERAL

Denise Teixeira Mendes¹
Emilly Karoline Rabelo dos Santos²
Roberta Ferrari Marback

Resumo

O presente artigo teve como objetivo investigar como os profissionais de saúde vivenciam a morte no âmbito hospitalar, para isso foi utilizada uma revisão narrativa de literatura por meios das bases eletrônicas do Scielo, PePSIC e Google Acadêmico. A literatura aponta que a morte na nossa cultura ainda é tratada como tabu, e que o luto na maioria das vezes não é experienciado pelos profissionais de saúde, podendo acarretar prejuízos para os mesmos. A pesquisa constatou que os profissionais de saúde não são preparados para lidar com a morte, e que os mesmos não conseguem elaborar o luto de seus pacientes.

Palavras chaves: Luto; Morte; Profissionais de saúde.

Abstract

This article had as objective to investigate how health professionals experience death on the hospital, and for that a literature narrative revision was used with the electronic bases Scielo, PePSIC and Google scholar. Literature points that death in our culture is still treated as a taboo, and that mourning is most of the times not experienced by the health professionals, which can cause losses for them. The research verified that the health professionals are not prepared to deal with death, and they cannot elaborate their patients' mourning.

Keywords: Mourning; Death; Health professionals.

1 INTRODUÇÃO

As expressões sobre morte e luto constituem-se por meio de interpretações socialmente estabelecidas e difundidas em diversos contextos históricos, sociais e culturais. Desta forma, não resultam apenas do fim da vida biológica (BORGES; MENDES, 2012).

De acordo com Oliveira e Lopes (2008), o luto possui uma definição mais objetiva e independente do tempo histórico. Assim, pode ser definido como um conjunto de reações diante de uma perda. A morte diz respeito àquele que se foi, já o luto é o processo experienciado por quem fica.

Atualmente, a morte é encarada como inimiga, oculta, vergonhosa e, diante dela, o homem tido como onipotente visualiza sua finitude de perto. O luto ainda é considerado tema proibido, até mesmo em âmbito hospitalar, provocando entraves na comunicação entre pacientes, familiares e profissionais de saúde (KOVÁCS, 2010).

¹ Estudantes de psicologia-10º Semestre. Universidade Salvador. Emilly Karoline Rabelo dos Santos. E-mail: emilly.krds@outlook.com, E-mail: denymendes@live.com

² Psicóloga. Pós-Doutoranda pela Faculdade de Medicina da UFBA (Psiquiatria). Doutora em Ciências pela USP. Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental pela WP Porto Alegre. Especialista em Psicologia Hospitalar pela USP. robertamarback@uol.com.br

Nesse sentido, assim como outros fenômenos da vida social, as distintas leituras sobre o processo da morte e do morrer têm determinado, ao longo dos tempos, diferentes interpretações, influenciando o modo de seu enfrentamento, bem como as formas de assistência ao enfermo (BORGES; MENDES, 2012).

Mazzorra (2009) afirma que todo ser humano caminha para a morte, assim como a testemunhamos a todo momento. Mas, deparar-se com ela é também se dar conta da própria finitude e impotência. No que se refere à equipe de saúde no ambiente hospitalar, o luto torna-se mais cotidiano e o sentimento angustiante da própria morte tende a mostrar-se mais iminente.

De acordo com Kovács (2005), a luta contra a morte pode dar a ideia de controle ou força, no entanto, quando ocorrem perdas, sem que haja a possibilidade de elaboração do luto, não é dado ao indivíduo o consentimento para expressar a tristeza e a dor, aumentando a tendência para um adoecimento. O luto não elaborado tem aumentado o índice de depressão em profissionais que trabalham na área de saúde mental, tornando-se um problema de saúde pública. Kovács (2010) afirma, ainda, que os profissionais de saúde nos dias atuais são considerados pelos pacientes e familiares e entre eles mesmos como "combatentes da morte".

Segundo Magalhães e Melo (2015), trabalhar o processo de morte e luto faz com que os conhecedores em saúde percebam a própria morte e a angústia relacionada a ela. Apesar disso, a formação acadêmica em saúde ainda tem como principal objetivo a cura da doença, característica do modelo biomédico, desconsiderando o humano como um ser biopsicossocial.

Desta forma, a lacuna que existe nos cursos de formação em medicina, enfermagem, psicologia, dentre outras áreas da saúde, reflete na atuação dos profissionais no campo de trabalho, principalmente no que se refere à finitude humana (MATOS, 2017).

Rockembach, Casarin e Siqueira (2010) afirmam que alguns profissionais de saúde recorrem à religião ou outra forma de ajuda espiritual como estratégia de enfrentamento ao deparar-se com a morte em seu ambiente de trabalho. Segundo eles, a religião/espiritualidade produz respostas para a procura de sentido que marca a existência humana diante do fenômeno da morte.

Baseado nessa problemática, o presente artigo teve como objetivo investigar como os profissionais de saúde vivenciam a morte no âmbito hospitalar. Para compreender esse objetivo geral, faz-se necessário desdobrá-lo em alguns objetivos específicos que são: analisar a formação acadêmica dos profissionais de saúde, no que se refere ao enfrentamento do luto; identificar as dificuldades que os profissionais de saúde apresentam em relação à

comunicação na própria equipe sobre morte; verificar a dificuldade da equipe de saúde em falar sobre a morte com os pacientes e familiares; identificar estratégias de enfrentamento dos profissionais de saúde para lidar com o morrer no hospital; analisar o luto da própria equipe perante o falecimento de seus pacientes.

2 MÉTODO

O presente artigo foi construído a partir de uma revisão narrativa de literatura, que de acordo com Rother (2007) são pesquisas de publicações abrangentes, utilizando fontes bibliográficas ou eletrônicas como meio de obtenção de dados, com o objetivo de fundamentar-se teoricamente em determinado assunto.

Desta forma, foram utilizadas bases de busca como Scielo, PePSIC e Google Acadêmico para a fundamentação teórica deste artigo. Para efetivação da busca foram utilizadas as seguintes palavras chaves: psicologia, morte, luto, equipe de saúde. Como forma de refinar a busca, foram acrescentados os termos: estratégias de enfrentamento, formação acadêmica, anúncio de notícias difíceis, medo da morte e comunicação entre equipe multiprofissional. Para ainda melhor apurar as buscas foi definido o período de abrangência de 2005 a 2017.

Somando-se todas as bases de dados, foram encontrados 228 resultados. Após a leitura dos títulos dos artigos, notou-se que alguns deles se repetiram nas diferentes bases e outros não preenchiam os critérios deste estudo. Foram selecionados 45 artigos para a leitura do resumo e excluídos os que não diziam respeito ao propósito deste estudo. Após a leitura dos resumos, foram selecionados 21 artigos que preenchiam os critérios propostos e que foram lidos na íntegra (Tabela).

Dessa forma, efetivou-se a análise dos embasamentos teóricos sobre o tema, para então compreender como os profissionais de saúde vivenciam o luto frente à morte no âmbito hospitalar.

Tabela - Resultados da busca nas bases de dados e seleção de artigos pertinentes

AUTORES	TITULO	REVISTA	ANO
ARAÚJO, M.M.T; SILVA, M.J.P.	Estratégias de comunicação utilizadas por profissionais de saúde na atenção à pacientes sob cuidados paliativos	Rev. esc. enferm. USP	2012
BRÊTAS, J.R.S.; OLIVEIRA, J.R.; YAMAGUTI, L.	Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer	Rev Esc Enferm USP	2005
BORGES, M.S.; MENDES, N.	Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer	. Revista Brasileira de enfermagem REBEn	2012
HERMES, H.R.; LAMARCA, I.C.A.	Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde	Ciência & Saúde Coletiva	2013
JÚNIOR, A.S.; ROLIM, L.C.; MORRONE, L.C.	O preparo do médico e a comunicação com familiares sobre a morte	Rev Assoc Med Bras	2005
KOVÁCS, M.J.	Educação para a morte.	Psicologia: ciência e profissão	2005
KOVÁCS, M.J.	Sufrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional	O mundo da saúde	2010
MAGALHÃES, M.V.; MELO, S.C.	Morte e Luto: o sofrimento do profissional da saúde	Psicologia E Saúde Em Debate	2015
MATOS, M.N.	A formação em Bacharelado Interdisciplinar e suas contribuições na escolha profissional em Psicologia	Dissertação- UFBA	2017

AUTORES	TITULO	REVISTA	ANO
MAZORRA, L.	A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto	Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2009
MENDES, J.A.; LUSTOSA, M.A. ; ANDRADE, M.C.M.	Paciente terminal, família e equipe de saúde	<i>Rev. SBPH</i>	2009
OLIVEIRA, J.B.A.; LOPES, R.G. C.	O processo de luto no idosos pela morte de cônjuge e filho	Psicologia em Estudo	2008
ROCKEMBACH, J.V.; CASARIN, S.T.; SIQUEIRA, H.C.H.	Morte pediátrica no cotidiano de trabalho do enfermeiro: sentimentos e estratégias de enfrentamento.	Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste	2010
ROTHER, E.T.	Revisão sistemática X revisão narrativa	Acta paulista de enfermagem	2007
SANCHES, P.G.; CARVALHO, M. D. B.	Vivência dos enfermeiros de unidade de terapia intensiva frente à morte e o morrer	Revista Gaúcha de Enfermagem	2009
SANTOS, M. A.; HORMANEZ, M.	Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década	Ciência & Saúde Coletiva	2013
SCHMIDT, B.; GABARRA, L.M.; GONÇALVES, J. R.	Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência	Paidéia	2011
SILVA, D.J.; ROS, M.A.	Inserção de profissionais de fisioterapia na equipe de saúde da família e Sistema Único de Saúde: desafios na formação	Ciência & Saúde Coletiva	2007

AUTORES	TITULO	REVISTA	ANO
SOARES, J.A. et al.	O idoso institucionalizado e a reflexão sobre a própria morte	Revista Kairós: Gerontologia	2009
SOUSA, D.M.; et al	A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos	Texto & Contexto Enfermagem	2009
TELLES, H.; PIMENTA, A.M.C.	Síndrome de Burnout em Agentes comunitários de saúde e estratégias de enfrentamento	Saúde e Sociedade	2009

Fonte: Elaborado pelas autoras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Formação acadêmica em saúde

Desde o período em que a saúde tinha como base curativa a magia, existia-se a necessidade de formar os cuidadores da saúde. Nas tribos indígenas, os futuros pajés eram escolhidos e instruídos para executarem de forma assertiva a função de provedor de saúde (SILVA; ROS, 2007).

De acordo com Silva e Ros (2007), atualmente com a inserção de mais profissionais no âmbito da saúde do indivíduo, deveria existir uma preocupação ainda maior de formar bem esses trabalhadores. O SUS (Sistema Único de Saúde), tem um papel fundamental na instrução de novos profissionais, desde a formação acadêmica.

O SUS é uma forma de organização do sistema de saúde do Brasil, e possui como base conceitos como a integralidade, universalidade, equidade e intersetorialidade. O mesmo ainda possui como modelo o cuidado completo à saúde, focando-se no ser biopsicosocial e, desta forma, os profissionais da área de saúde devem pautar sua atuação. O atual paradigma de atenção à saúde, distingue-se do anterior, cujo objetivo era apenas a enfermidade (SILVA; ROS; 2007).

No entanto, o que pode ser observado desde a formação acadêmica, é que a prática pautada no sujeito como ser complexo e não formado apenas pelo biológico não vem sendo contemplada, e a atuação dos futuros e atuais profissionais de saúde vem sendo direcionada maioritariamente para atividades predominantemente curativas.

Ainda de acordo com Rockembach, Casarin e Siqueira (2010), a ênfase na atuação meramente curativa, aprendida pelos profissionais de saúde, desde a formação acadêmica é vista como intuito final. Consequentemente, percebe-se nesses indivíduos uma crença de onipotência, além das tecnologias de última geração muitas vezes impossibilitarem o enfrentamento das ocorrências vividas diariamente, como a morte nos hospitais. As dificuldades profissionais vão além da não aceitação, pois manifestam-se na pouca ou nenhuma habilidade em manejar de forma adequada a ocorrência de óbitos, sobretudo, quando envolvem casos com crianças e/ou mortes súbitas.

É importante que os profissionais responsáveis pelo processo de saúde, possuam na sua graduação disciplinas que os levem a refletir de forma crítica acerca dos impactos causados pela vivência do lidar com o processo de morrer, visto com maior frequência no local de trabalho desses indivíduos.

3.2 Dificuldades dos profissionais de saúde em falar da morte (com a equipe e com os pacientes/família)

Ainda atualmente a morte não é vista como um processo natural e inevitável ao ser humano. A discussão sobre a temática do morrer é rodeada por inúmeros medos, o que dificulta ainda mais a reflexão sobre o assunto.

A negação da morte é percebida em toda a sociedade, até mesmo entre os profissionais de saúde, que preferem comumente referir-se à morte como óbito. É necessário olhar e perceber o imperceptível, compreender o processo da morte e do morrer, para que se tenha capacidade de ajudar os pacientes na sua finitude. Não conhecer esse aspecto pode levar a um afastamento entre o paciente e a equipe de saúde e isso é considerado uma falha na prestação de cuidado ao doente (SOARES et al., 2009).

A morte é penosa e desafia a prepotência humana e profissional, pois os técnicos capacitados para cuidar da saúde, são treinados para cuidar da vida e não da morte. Desta forma, para o profissional de saúde aceitar a morte como processo natural do ser humano vai de encontro ao seu próprio aprendizado acadêmico, do que é ser cuidador.

Essa lacuna existente no ensino, na maioria das vezes, não prepara os profissionais para a dura rotina hospitalar, que convivem constantemente com o sofrimento do outro. Por conta disso, alguns profissionais de saúde não são capacitados para dialogar com a família, bem como assisti-la no momento que antecede a morte (SOUZA et al., 2009).

Os profissionais de saúde são treinados para agir de forma tecnicista e esquecer a sua subjetividade. Dessa forma, não conseguem aceitar que seus sentimentos ou de seus colegas sejam expressos diante de um paciente (BRETÂS; OLIVEIRA; YAMAGUTI, 2005).

Segundo Júnior, Rolim e Morrone (2005), a medicina é a ciência que discute diretamente a problemática da morte com profissional de saúde. O médico, muitas vezes, responde a esse desafio com sentimentos como ansiedade e medo, ou até mesmo como uma ameaça à sua vida profissional.

A exclusão de sentimentos exigidos aos profissionais de saúde quando lidam com seus pacientes podem dificultar a criação de vínculos. É importante salientar que o vínculo entre o paciente e o profissional de saúde é imprescindível para a compreensão e enfrentamento do processo de adoecimento.

Algumas instituições vêm abrindo espaço para discutir o tema da morte e dos cuidados necessários ao fim da vida, no entanto, o ensino ainda é fragmentado e superficial, assim os profissionais de saúde consideram o momento de comunicação da morte, um momento frágil na sua atuação, evitando as conversas e o contato. Para justificativa desse comportamento, alegam não receber suporte emocional ou aporte teórico para lidar com o sofrimento e a terminalidade de seus pacientes (ARAÚJO; SILVA, 2012).

3.3 O luto da equipe de saúde pela morte de pacientes

Existem dois paradigmas nas ações de saúde: o curar e o cuidar. No primeiro, o esforço investido é para evitar a morte. Já no cuidar, o processo de morrer é visto como componente da existência humana, que envolve qualidade de vida em variados aspectos (KÓVACS; 2010).

A morte não é um assunto confortável para grande parte da população, principalmente no Brasil, onde não existe uma cultura natural relacionada ao morrer. Ainda que nos refiramos a profissionais de saúde, cuja vivência com a morte é cotidiana, o falecimento de um paciente não é encarado como esperado.

O luto antecipatório, segundo Kóvacs (2010), inicia-se desde a comunicação da notícia de uma doença terminal, até a efetivação da morte. Além dos familiares e do paciente, os profissionais de saúde vivem lutos cotidianos em sua prática profissional.

Embora a morte faça parte do processo natural da existência humana, discorrer sobre o tema sempre assustou o ser humano, já que envolve o desconhecido. Admitir que alguém que estava sob nosso cuidado chegue à sua finitude expõe a nossa impotência.

De acordo com Sanches e Carvalho (2009), a inevitável convivência diária com a morte não isenta os trabalhadores da manifestação de emoções vistas como negativas, pelo contrário, é necessário que tenham uma melhor compreensão sobre este fato, para poderem sofrer menos, controlar as emoções e melhor auxiliar os pacientes e seus familiares.

A prestação destes cuidados, para ser considerada de forma efetiva, requer da equipe de saúde, não só o conhecimento da patologia em si, mas, além disso, a habilidade em lidar com os sentimentos dos outros e com as próprias emoções frente ao doente com ou sem possibilidade de cura (SOUSA, et al., 2009).

O cotidiano dos profissionais de saúde frente às situações de morte, principalmente as que envolvem escolhas, nem sempre são fáceis e possíveis de serem realizadas, o que pode gerar na equipe de saúde, um estresse adicional (KÓVACS, 2010).

3.4 Estratégias de enfrentamento utilizadas pelos profissionais de saúde

Situações que sobrecarregam emocionalmente o indivíduo exigem um manejo de comportamento e cognição que demandam de experiências anteriores, ou seja, estratégias de enfrentamento (FOLKMAN et al., 1986, p. 571 apud TELLES; PIMENTA; 2009).

A dificuldade dos profissionais em manejar o processo de morte de seus pacientes ocasiona um distanciamento, como forma de defesa e proteção e, por não saber lidar com tal situação, não conseguem criar estratégias defensivas mais elaboradas (SANTOS; HORMANEZ, 2013).

É comum alguns profissionais descarregarem suas frustrações e seus medos nos próprios familiares, como uma forma de desabafar. Faz-se necessário que esses cuidadores de saúde não negligenciem o seu autocuidado biopsicossocial, garantindo assim uma boa qualidade de vida.

A espiritualidade também é utilizada pelos profissionais de saúde como forma de enfrentamento ao deparar-se com a morte em ambiente hospitalar. A busca de conforto que a espiritualidade produz costuma auxiliar tais profissionais em momento de luto no ambiente de trabalho (ROCKEMBACH; CASARIN; SIQUEIRA, 2010).

3.5 O papel do serviço de psicologia no hospital frente ao processo de morte e luto

O psicólogo diante da finitude humana, busca a qualidade de vida de seu paciente, atenuando o sofrimento, ansiedade e depressão que podem surgir diante da morte iminente.

Quando o profissional de psicologia é capacitado de forma adequada, existe uma maior competência ao lidar com situações de morte, como suporte emocional ao familiar no momento da perda (MATOS, 2017). Além disso, o psicólogo também pode contribuir na comunicação entre familiares e paciente, favorecendo o enfrentamento do processo de luto e falecimento, permitindo que abordem problemas vividos por familiares e paciente (HERMES; LAMARCA, 2013).

De acordo com Bowlby (1998) e Brown (2001), a presença do psicólogo em instituição hospitalar em situações de morte é imprescindível, já que as intervenções realizadas por este profissional diminuem a probabilidade de manifestações de sintomas psicopatológicos futuros, como depressão e ansiedade, resultantes do luto mal elaborado (apud SCHMIDT; GABARRA; GONÇALVES, 2011).

O psicólogo pode estender sua intervenção à equipe profissional da instituição, ao invés de restringi-la apenas ao doente e aos seus familiares. Uma das intervenções possíveis do psicólogo junto à equipe de saúde no hospital é auxiliar no preparo emocional destes profissionais frente às situações difíceis. Além disso, o psicólogo pode servir como mediador entre a equipe de saúde e o paciente/família, podendo estabelecer, desta forma, uma relação amistosa entre estes (MENDES; LUSTOSA; ANDRADE, 2009). Dessa forma, torna-se notório que o trabalho do psicólogo no hospital diante da terminalidade é essencial, tanto intervindo diretamente com o paciente e sua família, ou lidando com a equipe de saúde da instituição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir dos dados pesquisados, foi observado que a morte ainda é tratada como um tabu em nossa sociedade, o que reflete na saúde, pois os profissionais são preparados apenas para lidar com a vida, não reconhecendo o fim como sendo um processo natural da existência humana.

Foi possível perceber que na graduação dos estudantes de saúde, existe pouco contato ou nenhum com o tema relacionado à morte, demonstrando um despreparo para os futuros profissionais que vão ter convívio muito próximo com essa realidade.

É importante ressaltar que essa temática ainda precisa ser abordada como um processo natural, principalmente para diminuir os danos emocionais que podem ser causados aos profissionais de saúde em geral. Dessa maneira, é possível inferir que os profissionais de saúde não elaboram o luto de seus pacientes no ambiente hospitalar, trazendo desta forma prejuízos para sua própria saúde biopsicossocial.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Monica Martins Trovo De; SILVA, Maria Júlia Paes Da. Estratégias de comunicação utilizadas por profissionais de saúde na atenção à pacientes sob cuidados paliativos. **Rev Esc Enfermagem USP**, v. 46, n. 3, p. 626-632, jan./ago. 2012.

BRÊTAS, José Roberto Da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; YAMAGUTI, Lie. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. **Rev Esc Enferm USP**, v. 40, n. 4, p. 477-483, maio/set. 2005.

BORGES, Moema Da Silva; MENDES, Nayara. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. **Revista Brasileira de enfermagem REBEn** v. 65, n. 2, p. 324-331, nov./mar.2012.

HERMES, Héliida Ribeiro; LAMARCA, Isabel Cristina Arruda. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2577-2588, 2013.

JÚNIOR, Alberto Starzewski; ROLIM, Luiz Clemente; MORRONE, Luiz Carlos. O preparo do médico e a comunicação com familiares sobre a morte. **Assoc Med Bras**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 11-6, 2005.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

KOVÁCS, Maria Julia. Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional. **O mundo da saúde**, v. 34, n. 4, p. 420-429, 2010.

MAGALHÃES, Maria Vieira; MELO, Sara Cristina de Melo. Morte e Luto: o sofrimento do profissional da saúde. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 1, n. 1, p. 65-77, 2015.

MATOS, Marília Neri. **A formação em Bacharelado Interdisciplinar e suas contribuições na escolha profissional em Psicologia**. 199 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2017.

MAZORRA, Luciana. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009. 265 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MENDES, Juliana Alcaires; LUSTOSA, Maria Alice; ANDRADE, Maria Clara Mello. Paciente terminal, família e equipe de saúde. **Revista da SBPH**, v. 12, n. 1, p. 151-173, 2009.

OLIVEIRA, João Batista Alves de; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jul. 2008.

ROCKEMBACH, Jamila Vasquez; CASARIN, Sidneia Tessmer; SIQUEIRA, Hedi Crecencia Heckler de. Morte pediátrica no cotidiano de trabalho do enfermeiro: sentimentos e estratégias de enfrentamento. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 11, n. 2, 2010.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.

SANCHES, Patricia Gisele; CARVALHO, Maria Dalva de Barros. Vivência dos enfermeiros de unidade de terapia intensiva frente à morte e o morrer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 30, n. 2, p. 289, 2009.

SANTOS, Manoel Antônio dos; HORMANEZ, Marília. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 2757-2768, 2013.

SCHMIDT, Beatriz; GABARRA, Letícia Macedo; GONÇALVES, Jadete Rodrigues. Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência. **Paidéia**, v. 21, n. 50, 2011.

SILVA, Daysi Jung da; ROS, Marco Aurélio da. Inserção de profissionais de fisioterapia na equipe de saúde da família e Sistema Único de Saúde: desafios na formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, p. 1673-1681, 2007.

SOARES, Juliana Augusto et al. O idoso institucionalizado e a reflexão sobre a própria morte. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 12, n. 1, 2009.

SOUSA, Daniele Martins de; et al. A vivência da enfermeira no processo de morte e morrer dos pacientes oncológicos. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 41-47, 2009.

TELLES, Heloisa; PIMENTA, Ana Maria Carvalho. Síndrome de Burnout em Agentes comunitários de saúde e estratégias de enfrentamento. **Saúde e Sociedade**, v. 18, p. 467-478, 2009.